

Abuso Sexual

*Eduardo Szaniecki**

"Child Sexual Abuse" (CSA) tem tomado proporções epidêmicas aqui no Reino Unido e tornado presença quase obrigatória, semanalmente, nos principais jornais há vários anos. Some-se as publicações científicas especializadas no assunto e vivemos claramente a época do reconhecimento de um problema existente provavelmente há várias décadas, mas de difícil compreensão e principalmente deglutição.

Abuso sexual é um ataque ao corpo. Mas não apenas uma invasão física uma vez que consideráveis cicatrizes emocionais só se manifestarão anos mais tarde. Profissionais da área assim como o público de maneira geral reconhecem os efeitos devastadores do abuso sexual em suas vítimas.

Crianças raramente sentem-se capazes de prevenir o abuso. Num trabalho publicado em Janeiro/95⁽²⁾, entrevistas com garotas que foram abusadas sexualmente por seus pais ou padrastos, mostram um discurso pouco elaborado em relação à compreensão do que se passava quando estavam sendo abusadas. A maioria mostra confusão, sentimento de "algo estar errado", culpa e principalmente sensação de estar presa em uma cilada. Outras pesquisas⁽³⁾ mostram ainda profundos sentimentos de desamparo, ansiedade e enorme dificuldade de auto-proteção.

O aumento do interesse em abuso sexual infantil começou nos anos 70 e 80, seguido da crescente preocupação com abuso físico e negligência nos anos 60. O reconhecimento do quadro não é uma tarefa fácil, e depende muito em ouvir o que a criança tem a dizer e menos freqüentemente em exame físico ou outros achados.

Mesmo que os princípios envolvidos ao entrevistar crianças sobre seus problemas psicológicos possam ser familiares aos de crianças com outros problemas, há assuntos específicos à criança que foi abusada sexualmente que merecem atenção⁽¹⁾. Por exemplo, a psicologia da criança vítima do abuso, o contexto em que ocorreu, a memória da criança, a ligação entre o profissional clínico e o sistema legal, são importantes aspectos a serem considerados.

Dois trabalhos importantes visando principalmente o tratamento de jovens envolvidos em abuso sexual vêm sendo desenvolvidos em Londres: Maudsley Hospital e na Tavistock Clinic. A diferença básica entre os dois foi o principal motivo de relatá-los: o primeiro vem lidando com os "autores" do abuso (perpetrators) enquanto o segundo preocupa-se com as vítimas.

O "Maudsley Stop Project" vem funcionando há 4 anos e agora em Junho será publicado detalhadamente no Journal of Child Psychology and Psychiatry, informações e resultados que adianto resumidamente agora.

RESUMO

O autor descreve o que é abuso sexual e os princípios envolvidos no fato, bem como sua terapêutica.

UNITERMOS

Abuso sexual.

* Pós-graduando no Instituto de Psiquiatria Infantil e Adolescentes na Universidade de Londres.

Esse é um projeto para adolescentes de 11 a 19 anos que cometeram "sexual assault" e estão obrigatoriamente envolvidos em procedimentos legais. De saída o trabalho enfrenta um sério desafio onde o autor do ato é um adolescente passando inúmeras dificuldades com suas próprias questões de desenvolvimento.

Estamos perante assim, de um paciente numa faixa etária que transgrediu um conceito (lei) (abuso sexual: "envolvimento de crianças e adolescentes dependentes e imaturas em seu desenvolvimento em atividades sexuais que eles não compreendem totalmente, e à qual são incapazes de consentir; ou ainda quando violam tabus sociais em relação aos papéis familiares")⁽⁶⁾ feito para protegê-lo.

Abuso sexual cometido por adolescentes e, no entanto, já reconhecido como um enorme problema. Aqui na Inglaterra e País de Gales, 32% desses casos são cometidos por jovens entre 10 e 20 anos⁽⁵⁾. Apesar de haver algumas similaridades entre adultos e adolescentes que cometem abuso sexual, o adolescente enfrenta necessidades específicas em relação ao seu desenvolvimento que precisam ser endereçadas ao lidar com essa faixa etária.

Assim, é importante ressaltar que, além dos antecedentes pessoais e fatores situacionais que levaram ao abuso sexual, o ato em si e as conseqüências posteriores da descoberta são potenciais causadores de distúrbios na vida futura do adolescente que pode interferir em todas as áreas de seu desenvolvimento. Em outras palavras, uma transição saudável para a vida adulta terá relação direta com os antecedentes e conseqüências do abuso.

Dois grupos de psicoterapia são formados, com duração de 12 semanas. Um com 6 a 8 adolescentes e outro com seus respectivos pais. O trabalho é focal e visa que o coordenador do projeto, Dr. Peter Mish, me contou ser "ciclos cognitivos": gira ao redor da ofensa e o objetivo no contato com os garotos visa principalmente a diminuição da recusa em admitir a realização do ato, prevenir o relapso e tentar promover um desenvolvimento futuro mais saudável.

O grupo familiar tentara focar no impacto da ofensa sobre a família, assuntos que envolvem proteção (legal e social) e também discutir desenvolvimento e interação futura mais saudável, além de atenção à educação sexual.

O início do trabalho chama a atenção: *todo mundo*, adolescentes, pais e profissionais, de *todos os grupos* a serem formados, se encontram num grupo enorme, para fazer contato, trocar experiências, dividir e acertar objetivos.

Em seguida, são realizadas 5 semanas com cada um em seu grupo, seguida de uma sessão conjunta entre respectivos grupos de pais e filhos. Mais 5 sessões separadas e finalmente um último encontro conjunto.

O grupo funciona apenas como uma parte (importante) do tratamento, agindo como catalisador de

um longo e complicado processo. Após 12 semanas cada paciente/pais será encaminhado para prosseguir tratamento na comunidade, não apenas por ser mais barato, mas também criando oportunidade para iniciar novos grupos.

No entanto, reavaliações são feitas após 3, 6, e 9 meses, 1, 2 e 3 anos. Duas rápidas observações estimulam a validade e continuidade desse serviço: quase 100% dos pacientes cumpriram as 12 semanas com efetiva impressão clínica.

A pesquisa realizada na Tavistock Clinic ("Psychotherapy for Child Sexual Abuse") tem outro contexto e abordagem. Inicia com um questionamento extremamente pertinente: enquanto psicoterapia individual e largamente recomendada, sua eficiência nunca foi sujeita a uma rigorosa avaliação⁽⁷⁾.

Pesquisas mostram que meninas que foram abusadas sexualmente demonstram dificuldades em várias áreas de suas vidas após o abuso⁽³⁾. É comum citarem sentimento de culpa e impotência tanto em relação a elas mesmas como ao praticante do ato. Vergonha, sérios conflitos de fidelidade familiar, vulnerabilidade, questões sobre poder e controle são, entre outros, alguns dos sentimentos relatados.

Nessa pesquisa, um grupo de 100 meninas que foram abusadas sexualmente são divididas em 2 grupos diferentes. Um grupo recebera terapia individual breve e focal e outro psicoterapia educacional (informação sobre assuntos relacionados à sexualidade e auto-proteção) de base psicodinâmica, portanto de longo termo. Avaliações serão feitas antes, durante e depois das terapias e em reavaliações futuras.

Resultados específicos desse trabalho ainda não foram publicados, porém pesquisas recentes com abordagem semelhante consideram o trabalho de grupo um tratamento de escolha para crianças sexualmente abusadas, particularmente após a imediata revelação do ocorrido.

Resultados demonstram manifestos progressos em crianças que receberam esse tipo de intervenção, onde as meninas puderam ganhar confiança e apoio além de encorajar umas às outras a falar sobre o abuso e seus sentimentos e emoções⁽³⁾. Diminuição dos sentimentos de responsabilidade, culpa e vergonha relacionados ao abuso foram também citados.

Interessante ressaltar a importância do aspecto educacional em relação a anatomia reprodutiva do corpo feminino. Uma vez que é comum meninas abusadas passarem a associar essa parte do corpo como sendo "ruim" (abuso sexual = corpo ruim = eu ruim), esse exercício ajudou a superar muitas confusões e sentimentos negativos em relação à sexualidade.

Paralelamente aos trabalhos científicos, chama a atenção o número de artigos publicados semanalmente em diferentes jornais ingleses, desde textos importantes até artigos mais sensacionalistas. Por exemplo: "Review may end abuse loophole", "Parents fear abuse allegations" and "No, your honor, children never ask for sex".

A primeira trata-se da revisão de uma lei que data de 1954: o/a abusado(a), uma vez efetivamente consciente do que aconteceu no passado, resolve entrar com processo contra o autor. Acontece que a lei (em vigor até hoje) só vale até 6 anos após a vítima completar 18 anos, ou seja, 24. No entanto, parece claro para qualquer um que trabalha nessa área que, a conexão entre os diversos sintomas tardios com o abuso sofrido quando criança, além de ser extremamente árduo, o paciente geralmente encontra-se bem afastado de seus 24 anos. A lei mostra um desconhecimento claro de que essa conexão (e os efeitos de tal ato) possa levar muito mais que 6 anos para se manifestar e ficar mais consciente.

A segunda chamada vai um pouco mais longe no que diz respeito ao conceito e conseqüências a curto prazo do abuso. Vários pais fizeram parte de uma pesquisa em pediatria para avaliar a severidade de uma doença aguda em bebês. Como parte da pesquisa devia-se medir a temperatura da criança, no reto. Muitos pais, no entanto, além de referir essa ser uma experiência perturbadora e desconfortável para seus filhos, vários deles manifestaram medo de serem mais tarde acusados de abuso sexual. Essa afirmação, no entanto, parece estar muito mais relacionada à percepção do poder dos profissionais dessa área e à confiança neles ou não, do que ao ato em si. A ansiedade, apesar de soar absurda, parece lógica uma vez que as medidas ao se evidenciar abuso sexual tomam um vulto imenso por parte do serviço de assistência social, desde início de um processo até retirada da criança sob cuidados dos pais.

A última manchete conta o processo de um jovem de 18 anos condenado por tentativa de penetração numa garota de 8 anos. Em sua sentença falou o juiz: "meninas não existem para você obter suas atividades sexuais". Porém, num tom equivocado e moderado completou que a garota não "era totalmente um anjo". Em outras palavras o juiz implicou que a presença de comportamento "flertante" fez da garota, de certa forma, culpada pelo crime e conseqüentemente foi reduzida a responsabilidade do autor.

Algumas crianças ocasionalmente "flertam" com adultos, particularmente enquanto explorando suas identidades sexuais. Esse flerte envolve crianças brincando com papéis de adulto e isso não representa o desejo sexual real, consciente por parte da criança.

O grande perigo apresenta-se assim quando jovens/adultos vêem comportamento infantil como

autorizações para avanços sexuais. É extremamente confuso e amedrontante para uma criança enfrentar a força de alguém maior e mais velho inflado em excitação sexual. Isso não era o que eles estavam procurando ou querendo. As conseqüências dessa violação podem ser devastadoras para essas vidas em formação.

SUMMARY

The author describes what is sexual abuse and its features and therapeutic.

KEY WORDS

Sexual abuse.

Bibliografia

1. JONES, D.P.H - *Interviewing the Sexually Abused Child*. London, Gaskell - Royal College of Psychiatrists, 1992.
2. PHELAN, P. - Incest and Its Meaning. *Child Abuse & Neglect, The International Journal*. Vol. 19, No. 1,7-24, 1995.
3. LINDON, J. & NOURSE, C.A. - A Multi-Dimensional Model of Group-work for Adolescent Girls Who Have Been Sexually Abused. *Child Abuse & Neglect, The International Journal*. Vol. 18, No. 4, 341-348, 1994.
4. DIAMOND, N. - *Sexual Abuse: The Bodily Aftermath*. Free Associations, Vol. 3, Part 1, No.25, 71-83, 1992.
5. HARNETT, P.H. & MISCH, P. - Developmental Issues in the Assessment and Treatment of Adolescent Perpetrators of Sexual Abuse. *Journal of Adolescence*, Vol.16, 397-405, 1993.
6. BLACK, D. & COTTRELL, D. - *Seminars in Child and Adolescent Psychiatry*. London, Gaskell - Royal College of Psychiatrists, 1993.
7. The Mental Health Foundation - Annual Report 1993, London.

Endereço para correspondência:

Dr. Eduardo S. Zaniecki
38 Tetherdown
London N10 1NG
United Kingdom